

A ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NA EDUCAÇÃO UBERLANDENSE: O COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS LÁGRIMAS

LUCÉLIA CARLOS RAMOS ¹
GERALDO INÁCIO FILHO ²

Este estudo pretende contribuir com a história das instituições de ensino da cidade de Uberlândia tendo como objeto de pesquisa o colégio Nossa Senhora das Lágrimas, escola de cunho confessional e uma das mais antigas da cidade. O colégio difere, de certo modo, das outras instituições estudadas por sua orientação religiosa e pela prática dos seus anos iniciais quando atuou apenas na educação feminina nas modalidades de externato, internato e semi-internato.

Ao tomarmos o colégio Nossa Senhora como objeto de estudo nos vimos diante de uma instituição que representou grande conquista no campo educacional para a cidade e região considerando sua filosofia de educação, as aspirações e necessidades de determinados grupos da comunidade visto que à época a religião, especialmente a Igreja Católica, era uma das principais fontes controladoras da ordem social e do processo educacional. Desse modo o presente trabalho objetiva compreender dentro das dimensões locais, a influência do ensino escolar religioso na formação do povo de nossa região. A busca de uma melhor compreensão do papel da Igreja Católica no sistema educacional colocou-nos em contato com um conjunto de documentos e trabalhos realizados sobre o assunto em questão cujas idéias evocaremos no decorrer do presente texto.

Acreditamos que para se compreender melhor o sistema educacional não se pode estudá-lo por si mesmo, é preciso que se faça uma relação do objeto estudado com o contexto histórico em que se estabeleceu levando em conta as ações de homens e mulheres nesse processo, sendo que todas as pessoas ao nascerem passam a constituir e a construir a história de uma determinada sociedade e mesmo de um povo.

Nesse sentido CUNHA alerta para o "reducionismo antropológico" da história. Para ele: *O homem é um ser histórico, isto é, não está na história como se esta o antecedesse e o determinasse, mas o homem é autor da história, o seu construtor livre e liberto.*³

Sendo assim, a história deve ser vista como um processo interativo entre o historiador e o objeto por ele estudado, visto que ao produzirem uma realidade histórica os historiadores buscam nos conhecimentos anteriores um ponto de partida para novas descobertas.

Considerando a trajetória do colégio Nossa Senhora optamos por um corte temático e cronológico, haja vista os seus 68 anos de história. Assim, enfocaremos o período de 1932, ano de vinda da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado para a cidade e fundação do colégio, a 1960 ano em que o movimento pela escolarização atingiu seu auge, tendo a questão da moralidade e da disciplina como ponto de discussão. Utilizamos como meio auxiliar à pesquisa a entrevista, envolvendo os sujeitos que participaram da história do colégio, a fim de reunir dados históricos complementares às informações bibliográficas e documentais.

¹ Mestranda em Educação na Universidade Federal de Uberlândia.

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor de História e Filosofia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Sócio-Fundador da Sociedade Brasileira de História da Educação. (gifilho@ufu.br)

³ Antônio Afonso da CUNHA. **Nossos pais nos contaram**: história da Igreja em Uberlândia, 1818-1989. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1989, p. 18.

O Colégio Nossa Senhora das Lágrimas foi fundado na cidade de Uberlândia em 1932 pela Congregação das Irmãs missionárias de Jesus Crucificado que iniciou sua história na década de 1920 e teve como personagens principais: Maria Villac, Dom Francisco de Campos Barreto e um grupo de moças que formaram a Associação das Missionárias de Jesus Crucificado.

O trabalho das Missionárias iniciou-se com os centros de catequese nos bairros periféricos de Campinas, onde trabalhavam com as famílias pobres. Com o passar dos anos, mais precisamente em 1928, a Associação das Missionárias transformou-se em Congregação, reafirmando a determinação de trabalhar com a população carente. Passaram-se os tempos e o grupo se estendeu por todo Brasil, atingindo inclusive outros países como: Angola, Chile, Equador, Nicarágua, Bolívia e Paraguai.⁴ A Congregação surgiu objetivando a evangelização e a catequese especificamente de operários e pobres, indo de casa em casa e nos lugares de difícil acesso, ou seja, onde estivesse “em jogo os interesses de Jesus Crucificado”. Sua finalidade precípua estava na “salvação das almas”.

Pudemos observar a preocupação das elites e da Igreja em relação ao avanço das idéias comunistas, assim, Uberlândia buscou apoio no trabalho das Missionárias para amenizar o temido “problema”.

*A primeira comunidade missionária a sair da diocese de Campinas e do Estado de São Paulo, foi de Uberlândia. Esta cidade mineira, conhecida em todo Brasil pela infiltração comunista, foi inicialmente trabalhada por nove Irmãs Missionárias, que deixaram a casa mãe em 3 de fevereiro de 1932. O bispo diocesano, Frei Luiz Maria de Sant’Ana, meses antes fora especialmente para Campinas conversar com D. Barreto e Madre Maria Villac, para entregar à Congregação uma pequena casa de ensino, destinada às famílias daquela região. Via ele, assim, um meio eficaz para ajudar aquele povo que estava aderindo ao comunismo, a superar a crise.*⁵

E assim, foi inaugurado o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, no dia 11 de fevereiro de 1932, na ocasião pertencendo à diocese de Uberaba e contou inicialmente com um número de 50 alunas matriculadas. É válido ressaltar que o colégio foi constituído inicialmente para a educação feminina.

No início de suas atividades o colégio funcionou numa casa particular e 5 meses depois passou a funcionar no seu endereço atual, registrado como estabelecimento particular.

Entre os objetivos que motivaram a instalação do colégio na cidade estava a *necessidade de uma escola cristã, cuja filosofia de vida pudesse orientar os educandos nos caminhos da justiça e da verdade, e ainda, o perigo da infiltração comunista e da Maçonaria.*⁶

A oficialização estadual do colégio, transformando-o em escola Normal Oficial⁷. No a o seguinte, no mês de dezembro acontecia a formatura da primeira turma de normalistas. Desde então várias foram as formaturas cognominadas: turma das “Angélicas”, “Vitória-régias”, “Orquídeas”, “Turquesas”, “Algas Marinhas”, entre outras.

No decorrer diversos foram os cursos oferecidos pelo colégio, dentre os quais destacamos: os cursos para empregadas domésticas, cursos de doutrina social, e sobretudo, os encontros de formação religiosa. Por outro lado várias foram as

⁴ Sylvania VILLAC e Equipe de Coordenação Geral. **A Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado no contexto da realidade brasileira e da Igreja no Brasil.** São Paulo, 1983.

⁵ Maria Rita CRESCENTINI. **Um pouco da nossa história.** São Paulo: edição da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, 1980, p.p. 26-27.

⁶ **História do Colégio Nossa Senhora**, mimeo, s.d.e., p.1.

⁷ Idem, p.4.

personalidades que por lá passaram ministrando cursos e palestras: Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde, Amaral Fontoura, entre outros.

Além das aulas, palestras e cursos houve também atividades extra-classe, tais como: excursões a cidades históricas mineiras, festas comemorativas e retiros espirituais com o acompanhamento dos profissionais do colégio e sujeição às mesmas regras disciplinares do seu interior.

A escola em seu papel social reflete muitas das práticas concretizadas em outras instituições, sendo que a ela é confiada a função de institucionalizar o cidadão. É válido ressaltar que certas práticas desenvolvidas pela escola se dão em função da sociedade e de um sistema burocrático. Com isso, sempre que acontecem mudanças culturais na sociedade, o sistema educacional é influenciado por elas, pois a escola se constitui num dos centros ideais para a injeção de ideologias e onde mais se refletem e desenvolvem os novos valores culturais.

*Pode se dizer que na escola o poder de punir torna-se natural e legítimo... A escola e suas técnicas disciplinares fazem com que as pessoas aceitem o poder de punir e de serem punidas. Assim como o detento, o aluno é induzido a sentir-se sempre vigiado e controlado.*⁸

É inegável que cada indivíduo tem sua própria visão de mundo, suas idéias, seus mitos, suas crenças e seus próprios valores, entretanto, estes em sua maioria são influenciados pela sociedade em que vivem e pelas regras inerentes a ela. Para FOUCAULT⁹, a maneira mais prática de dominar era saber disciplinar as pessoas, tê-las nas mãos sem que estas o percebessem e sem pressão visível. A própria que ao introduzir determinadas normas faz com que o indivíduo vá se autodisciplinando. Assim:

*A vigilância é um dos principais instrumentos de controle. Não uma vigilância que reconhecidamente se exerce de modo fragmentário e descontínuo, mas que é ou precisa ser vista pelos indivíduos que a ela estão expostos como contínua, perpétua, permanente, que não tenha limites e que penetre nos lugares mais recônditos, esteja presente em toda extensão do espaço. Olhar invisível que permite ver tudo permanentemente sem ser visto, que deve impregnar quem é vigiado de tal modo que este adquira de si mesmo a visão de quem o vê.*¹⁰

Alguns depoimentos de ex-alunas nos permitem refletir sobre a citação acima, sendo que, a própria escola como uma instituição traz arraigado na sua existência o conceito de ordem e a necessidade de disciplina.

A disciplina em si tratando de comportamento era muito rígida. Até com relação aos uniformes a Madre era muito severa, colocava as alunas no pátio, em filas, e ficava na parte superior para olhar o comprimento das saias que deviam estar todas numa linha reta. Os cabelos rigorosamente penteados. Não podíamos usar pintura e nem conversar. Quando tocava o sinal para entrarmos para a sala de aula fazíamos a fila tomando a distância de um braço uma da outra, numa fila rigorosamente reta. Se houvesse qualquer anormalidade de comportamento recebia-se suspensão por 3 dias. Até na rua éramos vigiadas e se a Madre soubesse de aluna fazendo qualquer folia na rua era suspensa...Qualquer comportamento que infringisse as normas disciplinares era motivo de penalidade. (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

⁸ Maria José ABUD; Sônia Aparecida ROMEU. A problemática da disciplina na escola: um relato de experiência. In: **Disciplina na Escola**: autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989,p.89.

⁹ Michel FOUCAULT. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1983.

¹⁰ Arlete D'ANTOLA e outros. **Disciplina na Escola**: autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989,p.32.

A necessidade de contribuir para a preservação dos “bons costumes” e da “moral” das alunas era marcante nas normas de funcionamento do colégio, assim haviam regras em relação ao modo de se comportarem e de se vestirem.

Me lembro da época do primário que nós tínhamos que usar a “combinação”, era uma roupa de baixo, as freiras não marcavam, mas tinha um dia que elas faziam vistoria e todas nós tínhamos que estar usando a “combinação” e se naquele dia elas pegassem alguma aluna que estivesse sem, esta tinha que levar bilhete para os pais. Tínhamos a caderneta de notas e de bilhetes e os pais tinham que assinar. (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

Era tão rígida a questão do uniforme que que tinha uma época que até ajoelhávamos no chão para medir o comprimento da saia, a saia tinha que encostar no chão e a aluna que estivesse sem uniforme não entrava na sala de aula. Se estivesse de esmalte, tinha o acetona para tirar, tinha que limpar também batom. Havia um carimbo de indisciplina que se colocava, isso era uma falta muito grave. Enquanto usava o uniforme a aluna não podia estar acompanhada do namorado ou de alguém de fora do colégio. Tinha situações que eram consideradas faltas graves e a aluna levava indisciplina e poderia até ser suspensa. (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

Na escola pouco era o espaço para questionamentos, como era típico da época, assim quem quisesse permanecer na instituição deveria se sujeitar aos seus regulamentos.

Na época em que eu estudava não questionávamos nada. Tanto na família como na escola o aluno não tinha vez de dar opiniões e de participar. A escola tinha um regulamento a ser cumprido e o aluno que não se sujeitasse a ele não era aceito pela escola. Eu me lembro de casos de alunas que foram expulsas da escola por problemas de indisciplina. Hoje analisando não eram coisas graves, mas na época eram consideradas coisas sérias. (Ex-aluna e ex-professora do colégio Nossa Senhora)

Havia, ainda, um distanciamento entre a alunas internas e externas com o intuito de evitar “influências” de umas sobre as outras.

As internas não podiam conversar com as externas fora da sala de aula, era meio proibido. Então quando conversávamos com elas era escondido. As Irmãs eram muito severas com as internas. (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

Para que fossem respeitadas as normas disciplinares impostas pelo colégio, existia a Mestra de Disciplina, profissional temida pelas alunas e responsável pelo cumprimento das regras e punições a serem aplicadas de acordo com as faltas cometidas pelas alunas externas e internas.

A Mestra de Disciplina olhava as alunas na hora do recreio, o seu comportamento na fila, na entrada, nos corredores e se corrêssemos ou gritássemos ela era comunicada e “conversava” conosco. (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

No recreio sempre tinha uma irmã para dirigir as alunas e não podíamos ficar em grupinhos, tínhamos que estar, sempre, todas juntas. (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

A concepção de disciplina e indisciplina das ex-alunas entrevistadas não se divergem justificando as influências conservadoras e uma relação de subordinação até então existente.

Aluno disciplinado era aquele que frequentava as aulas, que fazia os deveres, que não desrespeitava o professor, que não perguntava sem levantar a mão, que ouvia o que o professor estava falando... (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

O aluno indisciplinado era aquele que não fazia os deveres, que respondia, que cometia faltas graves, como: namorar de uniforme e desacatar o professor. (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

Aluno disciplinado era aquele que se comportava muito bem na escola e que prestava atenção nas aulas. (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

Aluno indisciplinado era o que não se comportava bem na escola, que sempre tinha que chamar os pais para reclamar... (Ex-aluna do colégio Nossa Senhora)

O conceito de disciplina está intimamente ligado aos valores socioculturais, assumindo portanto significados diferenciados de acordo com o momento vivido. Na escola, porém, a punição tornou-se natural levando as pessoas a aceitarem pacificamente a idéia de que precisam ser punidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos interessantes do ensino confessional é a preocupação com a disciplina e a formação moral, bastante vivas em sua concepção de educação. Assim, é preciso refletir sobre os fatos históricos que contribuíram para a consolidação de sua prática de ensino, a medida que a burguesia vai se consolidando o ensino cristão vai se tornando cada vez mais conservador.

A Igreja protege para melhor controlar a mulher... Interessada em constituir famílias onde o papel da mulher fosse o de "instruir e educar os filhos cristãmente", a fim de propagar os ideais do catolicismo, a igreja contribuiu para formar uma sensibilidade mais aguda em relação à maternidade e à infância, tanto no mundo da afetividade quanto no do saber.¹¹

Esta mulher "Bela e Pura", teria maior capacidade de educar seus filhos e conduzir sua vida conjugal, escapando dessa forma da influência dos "maus costumes" e da "vulgarização".

A Igreja Católica foi de grande importância no processo educacional e essencialmente na educação escolar das mulheres que enfatizava a formação da esposa, da mãe e da professora. Entretanto, a concepção de educação feminina começou a se alterar a partir da década de 1930, quando as mulheres ganharam um espaço maior na escola, com o desenvolvimento de atividades complementares, entre as quais se destacam a música e as artes.

No período estudado pudemos perceber que as famílias de classe bem situadas financeiramente, davam grande importância ao curso Normal, pois à época ter uma filha formada e profissional da educação representava status e poder político para as famílias, assim como, notamos uma intensa preocupação em assegurar a tradição da Igreja Católica, especialmente em Minas Gerais, que por meio da educação procurava preservar seus princípios religiosos e pregar os interesses da Pátria.

O desenvolvimento brasileiro possuiu (e possui) suas falhas, falhas estas que foram se refletindo diretamente na educação pela incapacidade que a sociedade tem de

levar em frente um rompimento com o conservadorismo, visto que em cada fase de desenvolvimento ficaram marcadas as desigualdades e as contradições do nosso sistema educacional. Nesse sentido DURKHEIM diz que:

*Cada sociedade, considerada em momento determinado de seu desenvolvimento possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irreversível...*¹²

Neste pensamento, o autor mostra que nunca houve uma educação única e ideal e que é praticamente impossível nos libertarmos totalmente de seu poder, ela retrata uma forma de controle imposta para que sejam alcançados determinados fins.

Nessa perspectiva os depoimentos das ex-alunas do colégio Nossa Senhora nos mostraram que é realmente difícil desvalorizar a educação que se teve particularmente, sendo que, apesar da disciplina rígida imposta pela escola, do rígido processo avaliativo, do controle dentro e fora do colégio, da valor dado à memorização, da rigidez da educação familiar, das proibições e das mudanças que houve em relação à época e atualmente no ensino, elas gostaram de estudar no colégio e, dentro da formação religiosa, consideram que era ministrado um ensino de “qualidade” e que tiveram uma boa educação e uma formação sólida de “bons princípios”. Acreditam elas que foi gratificante passar pelo colégio e recordam-se saudosas do seu tempo de estudantes.

¹¹ Mary DEL PRIORE. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988, p.p. 56-57.

¹² APUD Neidson RODRIGUES. **Lições do Príncipe e outras lições**. São Paulo: Cortez, 1985, p.73.